

# Editorial

Prezados leitores,

**E**m meio à grande comoção nacional e internacional provocada pela pandemia do Coronavírus, o que levou a políticas de distanciamento social e isolamento em várias cidades do país, encaminhamos a publicação de mais um número da *Ilha – Revista de Antropologia*. É um momento difícil para toda a população brasileira que se vê preocupada com uma doença sobre a qual ainda não se sabe o suficiente – e, portanto, temos poucos meios de tratamento e de cuidados – e também com a continuidade de suas condições materiais de existência: como resolver a questão do trabalho e do sustento em tempos de isolamento social. Sabemos que o Brasil conta com um número elevado e crescente de trabalhadores informais. Segundo dados do IBGE, em 2019, 41% dos trabalhadores no Brasil estavam em situação de informalidade. Isso significa que essa parcela da população não tem garantias de continuidade no emprego, nem de direitos relacionados a acidentes de trabalho, doenças, entre outros problemas. Em tempos de isolamento, em que muitas das atividades de comércio e de produção precisam ser interrompidas para que o vírus não se espalhe, esses trabalhadores acabam desprotegidos, sem salário e sem apoio dos órgãos de governo. Ao mesmo tempo, o crescente corte de recursos para a saúde pública e o SUS que são realidade no Brasil desde pelo menos 2017 impactam ainda mais gravemente essa condição, pois sabe-se que dificilmente teremos atendimento adequado para todos que necessitarem de cuidados. No mesmo caminho, as populações indígenas do país sofrem com a falta de informação adequada e com a ausência de cuidados específicos para suas necessidades, incluindo nesse quadro o cuidado com seus mortos.

Enquanto o Governo Federal não adota medidas unificadas, ao mesmo tempo defendendo e relativizando o isolamento social e a gravidade da situação da saúde, inúmeras redes de ajuda se formam nas cidades do Brasil. Aproveitando a tecnologia das redes sociais,

mulheres organizam grupos de ajuda para outras mulheres que ficaram sem seus salários e que não conseguem pagar suas contas ou comprar comida. Quem pode ajudar paga a conta da outra, compra o rancho da semana, oferece serviços gratuitamente. Coletivos de psicólogos se propõem a atender, de forma *on-line* e gratuita, pessoas que estão passando por dificuldades emocionais no período de isolamento. Redes de produtores rurais se organizam para fornecer alimentos orgânicos a baixo custo, com entregas nas casas em diversas cidades do país, e se articulam nessa empreitada, partindo de um princípio de confiança entre quem vende e quem compra. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), por sua vez, encampa a maior rede de doações em todo o país, fornecendo toneladas de alimentos para as populações pobres das periferias. Comunidades das favelas de São Paulo e do Rio de Janeiro organizam suas formas próprias de cuidado, identificando possíveis doentes e construindo estratégias de isolamento que sejam coerentes com a realidade das formas de vida dos locais que habitam. As universidades e os institutos de pesquisa trabalham incansavelmente para produzir, tanto materiais de proteção individual para os profissionais da saúde quanto pesquisas para auxiliar nas formas de tratamento da doença. Os profissionais da saúde certamente vivem atualmente o pior momento de suas vidas profissionais, haja vista os inúmeros relatos que pipocam nos jornais e nas redes sociais sobre seu cotidiano árduo e perigoso. Muitos morreram por causa dessa doença.

Diante desse contexto incerto e difícil, seguimos produzindo e divulgando pesquisas científicas, contribuindo para a compreensão da complexidade que as formas de vida adotam ao longo do tempo, em diferentes lugares, na certeza de que as ciências sociais e a antropologia continuem a contribuir com a reflexão sobre os contextos de crise como este que estamos vivendo, mas também sobre diversas outras situações e contextos. Os artigos que compõem este número da revista não tratam sobre Coronavírus, já que foram submetidos à revista muito antes dessa pandemia se instalar. Ainda assim, os aportes aqui publicados auxiliam de forma significativa para pensarmos as formas de vida dos povos ameríndios, suas especificidades e suas reivindicações

de direitos; as populações ribeirinhas e suas narrativas sobre a vida, seus saberes sobre o ambiente; a estética da existência das populações afro-brasileiras, sua relação com as religiões de matriz africana; a memória da escravidão que se tenta invisibilizar, mas que emerge nas construções e nos patrimônios materiais; as maneiras de lidar com as doenças, o riso como forma de lidar com o sofrimento; os movimentos sociais e suas potências de resistir e de propor novos mundos.

Todos esses textos são parte do processo cumulativo das ciências sociais e da antropologia, que nos permitem conhecer de forma profunda a diversidade cultural e social do Brasil, e, com isso, tratar de melhor forma esses tempos de crise como o que vivemos hoje, com essa pandemia. Mais uma vez, a pesquisa etnográfica, como fica evidente nos textos deste volume, tem exercido um papel fundamental em promover debates qualificados sobre os fenômenos sociais.

Neste número, também apresentamos a tradução de um texto de Brackette Williams, da Universidade do Arizona, que descreve e contrasta narrativas sobre rebeliões de escravos em Berbice, na Guiana. Este número fecha com a resenha de *Extraordinary Conditions: culture and experience in mental illness*, de Janis H. Jenkins.

A *Ilha – Revista de Antropologia* do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC é uma publicação semestral do PPGAS/UFSC que reúne artigos inéditos, resenhas, traduções, ensaios bibliográficos e dossiês temáticos que contribuem para o debate contemporâneo no campo da antropologia. Temos seguido nosso compromisso de divulgação da pesquisa científica no âmbito da antropologia, primando pela seriedade e pelo rigor na produção desse conhecimento. A *Revista Ilha*, seguindo a tendência contemporânea, passou a ser publicada exclusivamente *on-line*, sendo esta uma forma mais ágil e sustentável para a ampla divulgação de nossa produção.

Desejamos a tod@s saúde e boas leituras.

*Viviane Vedana*  
Editora-Chefe